

---

**Isaiás Carlos Fuel** (Doutor em Comunicação, Professor e pesquisador da Escola Superior de Jornalismo, Moçambique. E-mail: [tinhicofuel@gmail.com](mailto:tinhicofuel@gmail.com) e [isaiasfuel@gmail.com](mailto:isaiasfuel@gmail.com))

**Francisco Nguenha** (Doutor em Comunicação, Professor e pesquisador da Escola Superior de Jornalismo, Moçambique. E-mail: [ciscongwenya80@gmail.com](mailto:ciscongwenya80@gmail.com))

**Claída Noronha** (Licenciada em Administração Pública. Pesquisadora da Escola Superior de Jornalismo. E-mail: [claida.noronha@gmail.com](mailto:claida.noronha@gmail.com) )

**Júlia Langa** (Licenciada em Administração Pública. Pesquisadora da Escola Superior de Jornalismo. E-mail: [juliajoalanga@gmail.com](mailto:juliajoalanga@gmail.com))

---

## TEMPOS DE CONVERGÊNCIA DIGITAL: RECEPÇÃO E APROPRIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE VIOLÊNCIA BASEADA NO GÉNERO PELOS AMIGOS DA RADIO COMUNITÁRIA DE CHIBUTO

**RESUMO:** Este artigo pretende compreender os sentidos construídos pelos residentes do município de Chibuto à volta dos conteúdos sobre a prevenção e combate à violência baseada no género veiculados pela rádio comunitária de Chibuto. A pesquisa insere-se no paradigma dos estudos culturais, na sua versão latino-americana, onde nos apropriamos do modelo teórico metodológico barberiano “Mediações Comunicativas da Cultura”. Metodologicamente a pesquisa enquadra-se na abordagem qualitativa e recorreu à observação participante e à entrevista em profundidade. Foram entrevistados 7 amigos da Rádio Comunitária de Chibuto. Os dados mostram que a mediação da ritualidade medeia as relações, isto é, através do telemóvel os participantes acedem aos programas da rádio Comunitária sobre prevenção e combate à violência baseada no género. Enquanto a mediação da Socialidade mostra a apropriação dos conteúdos, buscando articular o que o programa veicula e as modificações que ocorrem na comunidade do Município de Chibuto.

**Palavras-chave:** Rádio Comunitária; recepção; apropriação; violência baseada no género.

**ABSTRACT:** In this article, we intend to understand the meanings constructed by residents of the municipality of Chibuto around the content on preventing and combating gender-based violence broadcast by Chibuto community radio. The research is supported by the of cultural studies

paradigm, in its Latin American version, where we appropriate the Barberian theoretical methodological model “Communicative Mediations of Culture”. As for the methodological procedure, the research falls within the qualitative approach and used participant observation and in-depth interviews. 7 friends from Community Radio of Chibuto were interviewed. The data shows that the mediation of rituality mediates relationships, that is, participants access Community radio programs to prevent and combat gender-based violence via cell phones. While the mediation of Sociality shows the appropriation of content, seeking to articulate what the program conveys and the changes that occur in the community of the Municipality of Chibuto.

**Keywords:** Community Radio; Front desk; appropriation; gender-based violence.

## INTRODUÇÃO

Com o objectivo de compreender os sentidos construídos pelos amigos da radio comunitária de chibuto à volta dos conteúdos sobre a prevenção e combate à violência baseada no género veiculados pela rádio comunitária de Chibuto, a pesquisa é qualitativa e tem como suporte teórico os estudos culturais, na versão latina americana. O artigo estrutura-se da seguinte maneira: primeiro debaterá o contexto histórico do município de Chibuto; em segundo focará no problema de pesquisa; em terceiro debate-se os estudos culturais; o quarto ponto descreve a metodologia aplicada; na quinta parte analisa-se as entrevistas com auxílio do software Iramuteq.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

Elevado à categoria de município pela Lei nº 10/97, o Município de Chibuto localiza-se na província de Gaza, em Moçambique, a norte é limitado pelo posto administrativo de Godide-chipadja; a Sul pela localidade de Maniquenique e Chilembene; a Este pelo posto administrativo de Malehice e a Oeste pelo posto administrativo de Chaimite e ocupa uma extensão de 58 km<sup>2</sup>, com cerca de 72.605 habitantes, dos quais 32.509 são homens e 40.096 são mulheres, segundo (INE, 2017) e subdivide-se em 22 bairros. O acesso é por via terrestre, através da Estrada Nacional número 220 ou 221, e aérea, mas os meios de transportes mais usados são os carros semicolectivos de passageiros.

O Município de Chibuto ocupa 58 km<sup>2</sup> de extensão e uma população 72.605 habitantes, dos quais 32.509 são homens e 40.096 são mulheres, segundo (INE, 2017). O nome Chibuto apresenta várias narrativas. Duas narrativas acedidas através de conversas com os nossos entrevistados coincidem com a disponibilidade da internet onde apontam, em primeiro lugar, que o nome Chibuto provém do termo *butuma* que em Xichangana significa uma grande pedra. A segunda, refere que a origem de Chibuto nasce de Chibutsu que significa lugar de concentração dos guerreiros ou quartel. Este lugar é uma pequena elevação onde no tempo do Régulo Chigonguanhane Macuacua realizavam-se cerimónias tradicionais de culto

aos antepassados em particular a aos espíritos para que nos períodos de seca pudesse chover. Estas narrativas estão presentes no imaginário de muitos chibutenses.

Figura 1 mapa do distrito de chibuto



Fonte: Governo Distrital de Chibuto

O Município de Chibuto é constituído por 22 bairros, nomeadamente, O primeiro bairro chama-se Bairro de Cimento, Bairros 1, 2 e 3, 25 de Junho, Ximundo, Samora Machel, Kanhada, Mudada, Mudumeia, Bairro da Unidade, Célula Musavenhe, Savene, Nwakilalene, Mutsikuane, Nhocane, Kochombane, Nwamuza, Canhavene, Mulhequiwa, Mabekwane e Kowilanhane.

Os residentes têm as habitações do tipo palhota, na sua maioria, com latrinas. O pavimento é de terra batida, teto de capim ou colmo e paredes de caniço ou paus. Porém algumas famílias da classe alta e média possuem casas de alvenaria. Apontar que ultimamente, há um desenvolvimento urbano influenciado pelos mineiros.

O acesso ao Município de Chibuto é possível através da via rodoviária usando estrada nacional N220, Chissano-Chibuto, da N102, a partir da cidade de Chibuto/Chongoene. Outra via é aérea, pois há no Município um aeródromo. Os transportes mais usados são carros semiolectivos de passageiros. A população tem acesso aos serviços das telefonias móvel da VODACOM Moçambique, TMCEL e MOVITEL. A VODACOM Moçambique é uma multinacional fundada em 2003. A TMCEL é uma empresa Pública que resulta da junção da empresa pública das telecomunicações e a empresa Moçambique Celular, que estava em falência e, como estratégia de recuperação, juntaram essas duas empresas. A MOVITEL é uma empresa privada com capitais vietnamita Viettel e a Moçambicana SPI (Gestão e Investimento). Estas empresas oferecem serviços de internet 4G.

Chibuto tem acesso à televisão digital que chega através da fibra óptica, dando espaço para acesso à informação de todos os níveis. No entanto, a condição socioeconómica das comunidades não garante a que

estas tenham acesso à TV digital pelos custos de acesso ao *decoder*, sendo a situação mais agravante nas comunidades mais distantes da sede distrital. Os munícipes têm, ainda, o acesso a rádio comunitária de Chibuto que pertence ao Instituto de Comunicação Social e foi fundada em 2009 e veicula informações na frequência 103.5, com 70 km de raio. Esta rádio tem três funcionários efectivos, sendo um responsável pela rádio, um financeiro e um pela planificação. Tem 10 voluntários que asseguram a produção de notícias e programas de entretenimento

Figura 2 Radio Comunitária de Chibuto



Foto dos autores

No que concerne ao entretenimento, os residentes deste Município têm uma variedade de opções, pois para os que bebem o município está cheio de restaurantes e barracas por todo município que vendem bebidas alcoólica e algumas barracas assam carne. A carne de porco tem muita procura. Para os religiosos, o município está cheio de igrejas a destacar: católico; muçulmano; evangélicas, etc. Em adição, pela vantagem da rede eléctrica estar a expandir, uma boa parte da população tem energia e como resultado tem uma receptores do sinal de televisão que possibilita assistir filmes, novelas, etc.

No contexto de ensino, Chibuto possui duas Instituições do Ensino Superior. Duas ESG1 e três do ESG1. 125 escolas, das quais 80 do Ensino Primário do 1º Grau, 40 do 1º e 2º Graus. Para além das escolas, existem um hospital rural, um centro de tipo I e 8 centros de saúde do tipo II e III. centros de saúde. No que tange ao fornecimento da água, este é assegurado por furos mecânicos. O centro da cidade e alguns bairros tem água canalizada. As principais fontes de energia mais utilizadas são a lenha, o carvão, a energia eléctrica e solar.

Chibuto conta com organizações tais como cooperativas de agricultores, Organização da Mulher Moçambicana (esta é uma organização partidária feminina do partido Frelimo), Associação dos médicos tradicionais

(AMETRAMO), organização da juventude Moçambicana (esta é uma organização do partido Frelimo), Cruz Vermelha, etc. Politicamente, Chibuto está representado pelos 3 partidos com acento no parlamento (Frelimo<sup>1</sup>, Renamo<sup>2</sup> e MDM<sup>3</sup>).

## **ESTRUTURA ECONÓMICA DE CHIBUTO**

No que concerne à situação económica, a agricultura é actividade principal representando 60 por cento. No geral, esta actividade é praticada manualmente em pequenas explorações familiares e em regime de consorciação de culturas com base em variedades locais, onde as culturas dominantes são: o milho, arroz, feijão-nhamba, amendoim, batata-doce, batata-reno e hortícolas; mandioca, cebola, couve, repolho, caju, etc.

Há, também, a produção de arroz pluvial nos vales dos rios Limpopo e partes inferiores dos declives. De um modo geral, a produção agrícola é feita predominantemente em condições de sequeiro, que nem sempre é bem-sucedida, uma vez que o risco de perda das colheitas é alto, dada a baixa capacidade de armazenamento de humidade no solo durante o período de crescimento das culturas.

Para além da agricultura a população pratica a pesca. Porém, esta é uma actividade pouco significativa, pois é praticada nos rios e riachos. De salientar que o Município tem sido assolado pelas cheias cuja área de alto risco é a zona baixa ao longo do Rio Limpopo, seguido dos rios Changane, Sanguate e Manguenhane, de acordo com o plano estratégico de desenvolvimento do distrito (2019). Em adição, no Município há uma abundância de galináceos, suínos, caprinos, ovinos e bovinos.

Na mineração, Chibuto possui no posto sede, na zona Canhavano, um jazigo de areias pesadas (Titânio), constituindo a maior reserva mundial de Ilmenite, componente essencial da indústria de Titânio. Existe uma área de 10.000ha destinados à exploração das areias pesadas.

Chibuto conta com cerca de 27 indústrias de pequena e média dimensão. As principais indústrias são a de panificação, carpintarias, farinação e cerâmica. O total de indústrias existente emprega 252 pessoas dos quais 220 homens e 32 mulheres. Chibuto conta com duas instituições bancárias: Millennium BIM e Banco Comercial e de Investimentos. Além destas instituições, as pessoas recorrem aos serviços Mpesa e E-mola, oferecidos pelas operadoras de telefonia móvel da Vodacom e Movitel que permitem a transferência e levantamento de dinheiro e pagamentos diversos.

## **CHIBUTO E A LÍNGUA**

A maioria dos habitantes do distrito de Chibuto é designada Muchangana, nome com origem na invasão Nguni (Litsure, 2020). Os Ngunis chegaram a Sul de Moçambique no início da década de 1820, vindos da Zululândia (Natal), como resultado do movimento chamado por M'fecane.

---

<sup>1</sup> Partido que está no poder desde 1974.

<sup>2</sup> Maior partido da Oposição.

<sup>3</sup> Terceiro partido da oposição.

Este grupo fugia das convulsões existentes naquela região. Nessas convulsões, Tchaka Zulu sobressaiu como o grande vencedor, ao derrotar o seu grande rival Ndwandwe, do reino de Zwile e passa a ocupar território e perseguindo os vencidos. É neste contexto que Sochangane ou Manikusse se estabeleceu em Moçambique e fundou o reino de Gaza entre 1821/23 a 1845 (Rita-Ferreira, 1982 e Liesegang, 1996). O nome Gaza deriva do nome do bisavô de Sochangane Mangwa Gaza (Liesegang, 1996: 8).

As populações encontradas neste local eram designadas tsonga e com a invasão e conquista deste povo pelo grupo Nguni, dirigido por Sochangane (Manikusse), durou aproximadamente 70 anos. Durante este tempo, ocorreu a aculturação dos dois grupos (Litsure, 2020). Henrique Francisco Litsure (2020) refere que, embora houvesse a intenção suprimir as culturas das populações vencidas, o processo não teve êxito, pois a assimilação dos aspectos da cultura dos vencidos pelos vencedores Ngunis só ocorria de forma inconsciente.

MacGonagle (2008:38) argumenta que como estratégia dos invasores para incorporação e conquista aos tsongas, os invasores desenvolveram como "aparatos estatais que conduziram as populações submetidas para dentro de sistema de combinação de práticas de incorporação e conquista." Como resultado deste sistema, os locais foram designados de *mabulundlela* ou *machanganas*.

De acordo com Henrique Francisco Litsure (2020), o nome *mabuludlela* definia a condição laboral do tsonga e o termo desapareceu com o tempo, quando os tsongas deixaram de desempenhar essa tarefa, mas o de changana perpetuou-se e continua a ser um dos elementos da sua identidade. À luz deste posicionamento, pode-se inferir que o ser Muchangana é uma etnia política

Henrique Francisco Litsure (2020:81), aponta que

em torno deste pacto social, acompanhado por elementos distintivos específicos, vestimentas Ngunis, os tindjovo, (avental de couro de macaco), mutilações ornamentais swikhazu (corte dos lóbulos das orelhas), formando orifícios por onde muitos transportavam canudos com rapé foi se configurando uma nova identidade colectiva, a dos tsonga-changana.

Estes elementos introduzidos pelos Nguni na sua estratégia de dominação e conquista. Até os anos 80 ainda era possível ver homens e mulheres com orelhas cortadas. Para além disso, até hoje existe um ditado no contexto Nguni que diz *Fuya tsonga tsema dleve*, isto é, para que o tsonga te reconheça deve cortar a orelha. Os Ngunis introduziram, também, certas proibições nas práticas culturais dos tsongas, como por exemplo, "a proibição das antigas práticas tsongas de incisões corporais para fins ornamentais e de circuncisão masculina." (Litsure, 2020:82).

Actualmente, como herança da convivência entre as práticas nguni e tsongas, Chibuto apresentam como principais cerimónias: Ku haula Mundzeco (que significa tirar os copos), realizam-se em Fevereiro, durante a época de canhú, atingindo o seu ponto mais alto Chikuwha (época de vindima) e o seu fim ku hayeka Mundzeco (guardo os copos).

Saliente-se que em épocas de ocorrência de pragas nas culturas, realiza-se a cerimónia pfupfanhe (cerimónia dirigida pelas anciãs para

afugentar pragas que devastam as culturas) e Mbelelo (Clamor de chuva aos Deuses).

## RELAÇÕES DE GÉNERO NOS CHANGANA

As relações de género no meio rural e urbano no município de Chibuto são dominadas pelo sistema patrilinear, onde predomina a dominação masculina. Aleia Rachide Agy (2017), afirma que nas zonas urbanas assiste-se a uma tendência para que as mulheres tenham um papel cada vez mais activo no sector da indústria e serviços, enquanto nas zonas rurais o sistema patriarcado, ainda, é central. Um sistema que coloca a mulher num lugar inferior na tomada de decisões nos assuntos comunitários e mesmo da sua própria vida. Dando exemplo, Anesia Manjate (2019:148) no seu livro, intitulado Mulher "Changana Calada", argumenta que através da prática do lobolo as "mulheres loboladas ou casadas na etnia Changana são tratadas como objectos adquiridos, aos quais não é permitido ter voz activa em relação aos assuntos que dizem respeito a si mesmas e às suas famílias."

A problemática da violência baseada no género é secular e é influenciada por vários factores socioculturais, económicos, políticos, entre outros. De acordo com o Conselho Europeu para a prevenção e o Combate a Violência contra as Mulheres e a violência doméstica (2011, p. 4), na alínea d), do artigo 3, a violência baseada no género ou "violência contra as mulheres baseada no género" designa toda a violência dirigida contra uma mulher por ela ser mulher ou que afecte desproporcionalmente as mulheres." O mesmo documento refere, na alínea c), que género são os "papéis, os comportamentos, as actividades e os atributos socialmente construídos, que uma determinada sociedade considera serem adequados para mulheres e homens." (2011, p. 4).

Em Moçambique, acções com vista à prevenção e combate são recentes. Estas acções resultam de as estatísticas mostrarem que 16.948 mulheres e 4.359 homens são vítimas da violência. Os dados, em cada província, mostram o número de vítimas que sofreu a violência por género: Niassa 1271 mulheres e 4.359, Cabo Delgado 657 Mulheres e 156 homens, Nampula 1.824 mulheres e 473 homens, Zambézia 1.560 mulheres e 487 homens, Tete 1.498 mulheres e 356 homens, Manica 760 mulheres e 175 homens, Sofala 1047 mulheres e 287 homens, Inhambane 1.419 mulheres e 347 homens, Maputo- Província 3.706 mulheres e 796 homens e Maputo-Cidade 1.518 mulheres e 355 homens (INE, 2021).

A província de Gaza, local desta pesquisa apresenta 1.688 mulheres e 432 homens que sofreram violência. De acordo com o CEPCB (2013), as causas da violência baseada no género (GBV) são várias, destacando as culturais, legais, económicas e políticas. Em termos culturais, pode-se apontar as visões patriarcais e sexistas que legitimam a violência para garantir o domínio e a superioridade dos homens. Pode-se, ainda, referir

aos estereótipos e preconceitos de género, às expectativas normativas de feminilidade e masculinidade, à socialização de género, a uma compreensão da esfera familiar como privada e sob autoridade masculina, e a uma aceitação geral da violência como parte da esfera pública (ex. assédio de mulheres) e/ou como um

meio aceitável para resolver conflitos e se afirmar. (CEPCB, 2013, p.10).

Falando das causas legais, o CEPCB (2013) aponta que ser vítima de violência de género é percebido em muitas sociedades como vergonhoso e fraco, com muitas mulheres ainda sendo consideradas culpadas por atrair violência contra si mesmas por meio de seu comportamento. No que tange aos factores económicos, a falta de recursos económicos, geralmente, torna as mulheres vulneráveis à violência. Por fim, os factores políticos, a sub-representação das mulheres na política significa que elas têm menos oportunidades de moldar a discussão e afectar mudanças nas políticas, ou adoptar medidas para combater a violência de género e apoiar a igualdade.

Diante destas situações, o governo e os seus parceiros dão início à criação de leis que possam ajudar na mudança de comportamento. Assim, em 2000, o Ministério da Mulher e da Acção Social elaborou o Plano de Prevenção da Violência contra a Mulher e Criança. Depois, cria-se a lei de família em 2004 (Lei 10/2004 de 25 de agosto), através da qual se reconhecem os direitos iguais entre a mulher e o homem, permitindo a mulher herdar a terra. Para além destes instrumentos, com a necessidade da inserção de Moçambique no mundo, assiste-se a assinaturas de convenções universais sobre os direitos humanos, a exemplo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); A Declaração e Programa de Acção da Conferência Mundial dos Direitos Humanos de Viena (1993); A Declaração sobre a Eliminação da Violência contra a Mulher (1994); A Declaração Sobre Género e Desenvolvimento dos Chefes de Estado da SADC (1997); A Declaração dos Chefes de Estado e Governo da SADC, em prol da Prevenção e Erradicação da Violência contra a Mulher e Criança (1996); entre outras Leis e decretos, na base dos quais, nos últimos anos, o governo moçambicano tem estado a apoiar o aparecimento de organizações que lutam contra a violência baseada no género (VBG).

Outras acções desenvolvidas, com vista à prevenção e combate a este mal, de acordo com o Plano Nacional de Prevenção e Combate à Violência baseada no género - 2018-2021 (2018), consistiram na disseminação de leis, necessidade de fortalecer os mecanismos de disseminação da legislação que promove a igualdade de género e proteger a mulher, numa estreita articulação com as lideranças comunitárias, incluindo a informação sobre a disponibilidade de serviços.

O envolvimento do homem constitui uma aposta positiva, tendo em consideração que o homem é parte do problema e a melhor resposta seria envolvê-lo, também, como parte da solução. Os meios de comunicação social devem ser envolvidos nos processos de formação e informação, disseminando mensagens positivas e ganhos alcançados no combate à violência, tendo em conta que o acesso à informação através dos meios de comunicação social ainda é limitado.

É dentro da última estratégia que as rádios comunitárias, objecto desta pesquisa, veiculam informação para a mudança social e de comportamento. A título de exemplo, a Rádio Comunitária de Chibuto veicula informações de prevenção e combate à violência baseada no género.

Tabela 1: tipo, tema e formato dos programas disseminados pelas RCs

Nome da RC	Tema	Formato	Tipo	Língua	Público-alvo
Radio Comunitária de Chibuto	<i>Ti ndota ni masugukate Mbadlene</i> <sup>4</sup>	Debate	Produzido	Xichangana	Adolescentes, jovens e adultos
	<i>Tolo vazaia</i> <sup>5</sup>	Debate		Xichangana	Adolescentes, jovens e adultos

Fonte: Elaborado pelos autores em função do material disponibilizado pelas rádios

A potencialidade dos programas disseminados pelas rádios comunitárias audiovisuais reside no facto de estas ficcionarem esta problemática. Jacques Rancière (2005) aponta que para que os indivíduos ou grupos reflectam sobre as condições socioeconómicas e cultural à sua volta, exige que essa realidade seja ficcionada, isto é, ficcionar a realidade é criar condições para reflexão sobre essa realidade. Deste modo, o uso dos programas de radio comunitária para tratar de assuntos sobre violência baseada no género é ficcionar essa situação e dar uma oportunidade para que as comunidades reflectam sobre o assunto.

Pode-se referir que os programas representam um universo ficcional rico que constrói uma “maneira de dar sentido ao universo empírico das acções” (Rancière, 2005:55), pois expõem as vivências e as práticas culturais das comunidades rurais, no caso concreto e em análise, a comunidade moçambicana.

A análise nesta pesquisa será levantada dentro da ideia de que os programas da rádio comunitária estão abertos para todo o tipo de experiências possíveis. Tendo em conta, ainda, que as apropriações dos programas sobre violência baseada no género são constituídas por várias mediações.

## PERSPECTIVAS TEÓRICAS: CONVERGÊNCIA MEDIÁTICA E ESTUDOS CULTURAIS NA SUA VERSÃO LATINO-AMERICANA

Esta pesquisa é suportada pela teoria da convergência mediática e pelos estudos culturais na sua versão latino-americana. Falando da convergência mediática, Henry Jenkins (2009) a define como o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das

<sup>4</sup> Em português significa “anciões e anciãs na esfera pública”

<sup>5</sup> Em português significa "Ontem meus netos"

experiências de entretenimento que desejam. Aponta, ainda, Martins (2001), que a convergência pode ser, ainda, percebida nos conteúdos, nos dispositivos terminais e nos sistemas de redes.

Falando das origens do termos convergência mediática, Briggs e Burke (2006), a convergência teve o seu início a partir da década de 1980 e foi aplicada ao desenvolvimento tecnológico digital, à integração de texto, números, imagens, sons e a diversos elementos na mídia, que foram examinados em separado nos períodos anteriores.

Importa sublinhar que o paradigma da revolução digital descrevia que a convergência entre os meios tradicionais como o rádio, o jornal e a televisão e os Mídias sociais era um momento apocalíptico para as primeiras. Nicholas Negroponte (1995) argumentava que a convergência entre a mídia passiva e mídia social interativa era impossível. Para este, os mídia sociais tinha potencial para fazer desaparecer os mídia tradicionais. Todavia, o tempo mostrou que as coisas no atual ambiente de mídia não se resumiam no extremismo, mas sim no meio-termo. Como ilustram os residentes do município de Chibuto ao usarem o telemóvel para escutarem os programas do seu gosto na rádio comunitária de Chibuto. Assim, mostrando a relevância da cultura da convergência, onde as velhas e as novas Mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis.

## **ESTUDOS CULTURAIS: UMA PERSPECTIVA PARA PENSAR AS MEDIAÇÕES NO MUNICÍPIO DE CHIBUTO**

Neste paradigma, a palavra “mediações” contém nos estudos de recepção um lugar central. Jesús Martín-Barbero no seu livro clássico *De los medios a las mediaciones* (1987), propôs a "descentralização da observação dos meios como aparatos técnicos para estender o olhar até à experiência da vida cotidiana. Entendendo a comunicação como práticas sociais, [usando] o conceito de mediação como a categoria que liga a comunicação à cultura." (WOTTRICH *et al.* 2009, p.02). As mediações são concebidas como os lugares que estão entre a produção e a recepção. Deste modo, "pensar na comunicação sob a perspectiva das mediações significa entender que entre a produção e a recepção há um espaço em que a cultura cotidiana se concretiza." (Wottrich *et al.* 2009:3).

A contribuição de Jesús Martín-Barbero dista quatro décadas e, durante este tempo, desenvolve três versões do mapa das mediações como ferramentas para tratar da relação audiências e os meios. Os mapas servem, em diferentes contextos para:

indagar a dominação, a produção e o trabalho, mas a partir do outro lado: o das brechas, o do prazer. Um mapa não para a fuga, mas para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos, para mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema senão como enzima, porque os tempos não estão para a síntese e são muitas as zonas da realidade cotidiana que estão ainda por explorar, zonas em cuja exploração não podemos avançar senão tacteando ou apenas com um mapa nocturno. (Martín-Barbero, 2004: 18)

O primeiro mapa nocturno aparece em 1987, onde o enfoque era estudar a comunicação a partir da cultura. Apresenta como mediações a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. No início do ano 1990, as anteriores mediações são substituídas por Socialidade, Ritualidade e Tecnicidade. Em 1998, Jesús Martín-Barbero efectuou algumas reinterpretações, acréscimos e passou a preocupar-se em estudar a cultura através da comunicação e chama este mapa de “Mediações Comunicativas da Cultura”. Nesse momento, aponta como mediações: socialidade/ritualidade; tecnicidade/institucionalidade. Este mapa move-se em torno de dois eixos: o diacrónico ou histórico, que envolve as matrizes culturais/formatos industriais e o sincrónico, que envolve as lógicas de produção/competências de recepção.

Em 2010, introduz outra versão do mapa que designa de “mutações culturais contemporâneas”, com as seguintes mediações: identidade, tecnicidade, cognitividade e ritualidade. O mapa também se move em torno dos eixos vertical e horizontal. No vertical, com temporalidade/espacialidade, enquanto no horizontal introduz a mobilidade/fluxos. Por fim, em 2017, introduz o mapa designado “Mapa sobre o Sensorium Contemporâneo”. Aparecem quatro mediações: identidades/figuras, narrativa/relatos, redes/fluxos, cidadanias/urbanas. Elas conectam elementos que constituem dois eixos: tempos/espacos e sensorialidades/tecnicidades.

Os mapas referenciados revestem-se de uma riqueza enorme para se compreender a relação das audiências e os meios. Todavia, socorrendo-se de Laura Hastenpflug Wottrich *et al.* (2009), sublinhamos que:

não há uma adopção integral do modelo de Martín-Barbero, visto que a proposta do autor é empiricamente viável apenas em condições institucionais ideais. A análise do contexto da recepção é, por si mesma, ampla o suficiente para ser levada a cabo se quisermos, de fato, escapar de descrições demasiado densas e de interpretações demasiado escassas. O que está em jogo na recepção é a relação entre cultura, sociedade e mídia. (Wottrich *et al.* 2009:2).

## MODELO TEÓRICO METODOLÓGICO

Nesta pesquisa, focamo-nos no mapa de “Mediações Comunicativas da Cultura”, no qual tomaremos como mediações: ritualidade/socialidade; tecnicidade/institucionalidade. Nilda Jacks (2008) argumenta que as três primeiras mediações já estavam presentes nas reflexões iniciais de Martín-Barbero e constituem reflexões apresentada em *De los medios a las mediaciones*.

A mediação da ritualidade medeia a relação entre os Formatos Industriais e as Competências de Recepção ou Consumo. Laura Hastenpflug Wottrich *et al.* (2009) compreende a interacção cotidiana da audiência com os programas das rádios comunitárias, remetendo-nos aos modos como o sentido é compartilhado e apreendido por meio das práticas de recepção. O entendimento é suportado por Ana Carolina D. Escosteguy e Ângela Cristina Trevisan Felippi (2020) que apontam que a ritualidade consiste nas apropriações e usos regulares e repetidos que se faz das tecnologias de comunicação, [isto é], o celular, o computador, o jornal, o rádio. O objectivo é

captar como "esses usos constituem rotinas, tanto no universo prático das famílias (relacionado à sua actividade laboral, seja na agricultura ou no espaço doméstico), quanto no seu universo simbólico (pertinente à sua cultura familiar)" (Escosteguy e Felippi, 2020). No mesmo sentido, Nilda Jacks (2008:24) aponta que a ritualidade como mediação possibilita o conhecimento da gramaticalidade que opera na expressão e no compartilhamento do sentido.

Falando da socialidade, de acordo com Laura Hastenpflug Wottrich et al. (2009:4) esta mediação:

relaciona-se com as Matrizes Culturais e as Competências de Recepção e Consumo. Essa mediação diz respeito às relações cotidianas nas quais se baseiam as diversas formas de interação dos sujeitos e a constituição de suas identidades. Ela conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva.

Entendido assim, podemos afirmar que esta é constituída por vivências das TICs pelos amigos da Rádio Comunitária de Chibuto, para perceber como os seus sistemas de referências socioculturais configuram uma determinada realidade semiurbana. De acordo com Nilda Jacks (2008:22) esta mediação:

permite analisar o cenário em que os receptores actuam e interactuam, em que exercem suas práticas e seu *habitus*, em que a subjectividade e as identidades constroem-se e reconstroem-se com o fim de entender o que passa no mundo da recepção e do consumo, ou seja, no mundo dos atores sociais e suas vinculações com o mundo social.

No mesmo pensamento, Guillermo Orozco Gómez (1996:93, tradução nossa), aponta que a socialidade "constitui o conjunto de interações estruturadas pela audiência em sua luta para se apropriar criativamente da ordem social [...], a ordem proposta pela TV [neste caso a Rádio Comunitária de Chibuto]."<sup>6</sup>

No que concerne à tecnicidade, esta é definida pela Laura Hastenpflug Wottrich et al. (2009:4) como aquela que "medeia os formatos industriais e as lógicas de produção, remetendo-nos à construção de novas práticas através das diferentes linguagens dos meios. Ela aponta para os modos como a tecnologia vai moldar a cultura." Este entendimento é suportado por Ana Carolina D. Escosteguy e Ângela Cristina Trevisan Felippi (2020) que explicam que a tecnicidade consiste no "modo pelo qual os indivíduos se relacionam subjectivamente com os suportes e formatos, para apreender a constituição de suas competências com distintas linguagens e conteúdos."

Por fim, a institucionalidade medeia entre as lógicas de produção e as matrizes culturais, construindo, ou seja, a relação mais próxima entre a produção e a recepção. De acordo com Nilda Jack (2008), esta mediação é transformada por ambos os contextos, isto é, o contexto sincrónico, que inclui as lógicas de produção, e o diacrónico, que inclui as matrizes culturais, através do processo histórico-cultural, acrescentando que esta mediação

---

<sup>6</sup> Do original - "constituye un conjunto de interacciones estructuradas por la audiencia en su lucha por apropiarse creativamente del orden social [...], del orden propuesto por la TV".

"surge para dar conta de maneira mais concreta e específica do âmbito dos meios, ou seja, dos discursos públicos, carregado de interesses e poderes contraditórios, mas que tendem à homogeneidade." (Jacks, 2008:21).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa obedeceu a dois momentos cruciais: o primeiro consistiu numa pesquisa exploratória, isto é, pesquisa bibliográfica e documental que nos permitiram estabelecer um diálogo reflexivo entre a teoria e o objecto de estudo. A seguir, foram descritas as técnicas e instrumentos de pesquisa que foram utilizados na segunda fase: observação participante, que consistiu na observação das comunidades face à apropriação dos conteúdos disseminados pelas rádios comunitárias no dia-a-dia, entrevistas de profundidade, que permitiram não só recolher informação, mas também saber mais sobre o outro, isto é, compreender como o outro concebe, vive e atribui sentido ao mundo à sua volta. (Guber, 2001).

A entrevista em profundidade consiste nos reiterados encontros cara a cara entre o investigador e os informantes, cujo objectivo é compreender as perspectivas que os informantes têm sobre as suas vidas, experiências e situações, a partir das suas próprias palavras," (Taylor e Bogdan, 1986, p. 103). Para esta técnica foram entrevistadas pessoas que acompanham os programas em estudo. Estes participantes foram acedidos através da bola de neve. O processo terminou quando tivermos o ponto de saturação.

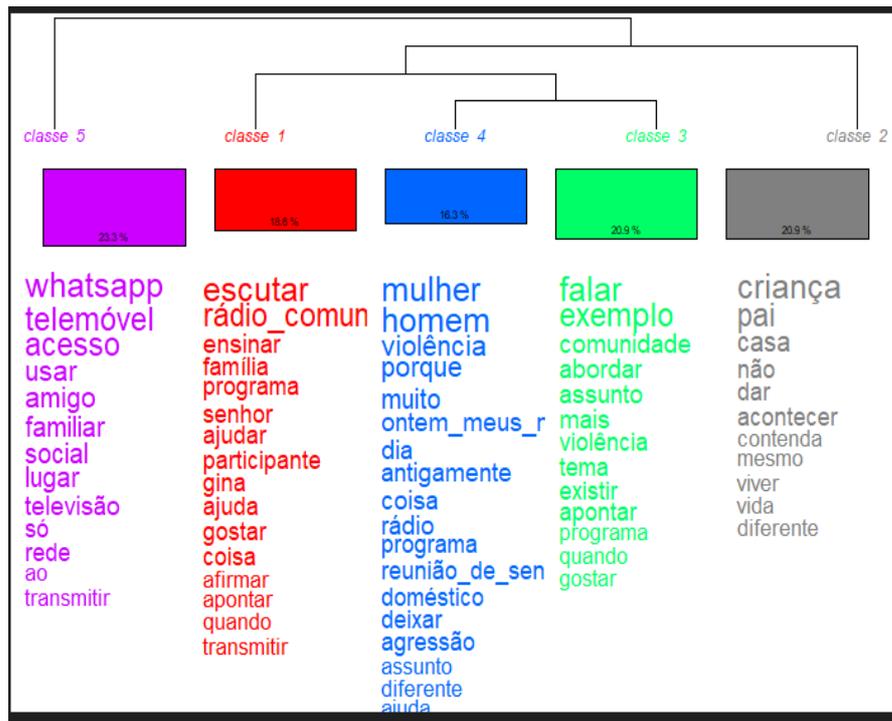
Refira-se que como toda a pesquisa qualitativa, envolveu algumas questões sensíveis que precisam de ser tomadas em conta segundo padrões éticos, isto por tratar-se de seres humanos. Seguindo estas normas, a negociou-se com as autoridades dos distritos de Chibuto. Finda a apresentação, apresentamo-nos à direcção das rádios comunitárias e, por fim, negociamos com os participantes a garantia do sigilo, confidencialidade e uso de pseudónimos dos entrevistados e uso do gravador.

## **RITUALIDADE E SOCIALIDADE: MEDIAÇÕES CENTRAIS PRA ENTENDER OS SENTIDOS CONSTRUÍDOS PELOS CHIBUTENSES**

Para a análise dos dados centramos nas mediações da Ritualidade e Socialidade, conforme justificamos acima, suportada pelo Software Iramuteq. Um dos recursos a ser explorado no Iramuteq é a Classificação Hierarquia Descendente (CHD) que busca quantificar as palavras e, por essa via, formar classes conforme os diferentes padrões lexicais (Libardi, 2021). Também, recorreremos à análise das Similitudes, que auxilia na visualização da ligação entre as palavras do corpus das entrevistas feitas. Esta técnica coloca em maior destaque as palavras e através de linhas fortes define-se o grau da sua conectividade (Libardi, 2021).

Na análise da CHD das entrevistas com os residentes do Município de Chibuto, Figura 3, é possível ver a representação de 5 classes, das quais tomamos as três primeiras palavras com maior destaque.

Figura 3: CHD dos residentes do Município de Chibuto



Fonte: o autor

O dendrograma mostra a centralidade da classe 5 em relação às outras classes. A classe 5 contém as palavras: *WhatsApp*, *telemóvel* e *acesso*. Esta centralidade remete-nos à mediação da Ritualidade, que consiste na apropriação e nos usos regulares e repetidos das tecnologias de comunicação, [isto é], o celular, o computador, o jornal, o rádio, etc. Neste caso, o telemóvel é central nos participantes, pois é através dele que acompanham os programas da Rádio Comunitária e através do WhatsApp falam com os familiares distantes. Esta centralidade é ilustrada pelo depoimento de Francelina Zavale, ao afirmar que “embora tenha receptor de rádio em casa, prefiro escutar via telemóvel porque posso levar para todo o lugar que preciso. Escuto quase todos os programas da Rádio Comunitária, principalmente, o programa *Tindota ni masugukate mbadlene* e *Tolo vazaia*”.

O CHD mostra, também, a centralidade, em segundo nível, da classe 2, que ilustra como palavras centrais: *criança*, *pai* e *casa*. Estas classes tratam das opiniões dos participantes sobre a violência que a criança, em particular, sofre nas famílias. Este posicionamento pode ser ilustrado através da fala de Alexandre Siteo que argumenta que:

Há dias, [a Rádio Comunitária falava] dos direitos da criança, onde questionavam o que se pode fazer para dar entender às crianças que elas têm a liberdade porque antigamente nós éramos muito arrogantes com as crianças, isto é, não nos dava espaço para as crianças brincarem, fazerem os seus deveres etc." (Siteo. 2022).

No mesmo pensamento, Macamo sublinha:

a rádio aborda este relacionado com contendas na família por parte dos pais, avós, mulheres, e crianças, onde essas contendas são

mais pesadas para as mães e crianças, pois, não conseguimos respeitar os seus direitos. Chega um tempo em que uma criança abandona a casa, porque o pai lhe repreendeu sobre algo e ela por ser criança percebe mal, ao invés de acatar o que o pai ou mãe diz. É difícil ensinar a cultura antiga aos modernos. É difícil ver um filho a desviar-se dos ensinamentos dados pelo seu pai. A criança começa a interpretar mal, dizendo que o pai tem muitas leis e, daí, surge a violência por parte dos pais. O que acontece é que a vida do campo é diferente com a da cidade. Por exemplo, um casal pode sair de casa, deixar crianças menores de 10 anos. As mesmas saem de casa, vão brincar e não conseguem voltar para casa, perdem-se e o caso vai na esquadra e dizem que alguns pais são irresponsáveis, enquanto temos Responsabilidade, porém, a nossa maneira de viver é que não coopera. (Macamo, 2022).

Importa sublinhar que esta centralidade da classe 2, resulta, também de as rádios comunitárias, através dos programas, constituírem um espaço de partilha do sensível (2005), pois expõem as vivências e as práticas culturais das comunidades Changanas, em particular do Chibuto. Os programas permitem ver o invisível, pois a violência baseada no género é em muitas famílias Changana assunto de fórum privado. Igualmente, os programas permitem dizer o indizível, tomando em conta que nas comunidades Changana quanto mais a mulher ocultar o que acontece dentro de casa, mais madura é considerada pelo marido, família e pela comunidade.

Outra centralidade, de terceiro nível, é ilustrada através da classe 1 pelas palavras *escutar*, *radio comunitária* e *ensinar*. A classe 1 trata das apropriações que os participantes, quanto ao papel da rádio em ensinar na comunidade. Esta classe remete-nos à mediação da Socialidade, entendida como o conjunto de interações estruturadas pela audiência em sua luta para se apropriar criativamente da ordem social a ordem proposta pela Rádio Comunitária de Chibuto. Argumenta o participante Alexandre Siteo que:

Eu, em particular, recebi muita ajuda e ajudei os outros por escutar esse programa, uma vez que sou secretário do Bairro, aplico os conhecimentos adquiridos lá, para ensinar os outros. Por exemplo, "Hoje em dia todo mundo daqui já sabe que a mãe tem os mesmos direitos com o pai, nada nos difere. Nas escolas também, já fazem o melhor acompanhamento das crianças é assim eu me sinto honrado. (Siteo, 2022).

Por fim, temos a articulação da classe 4 e 3, por a violência entre homem e mulher ser algo que a Rádio Comunitária aborda, pois constitui uma preocupação na comunidade, embora esteja a reduzir., as palavras *homem*, *mulher* e *violência* resulta, a título de exemplo, de pronunciamentos iguais a da participante Gina, que aponta que o programa transmitido pela Rádio Comunitária de Chibuto aborda vários assuntos, alguns deles dizem respeito às contendas que envolvem o homem e a mulher, violações patrimoniais, violação dos direitos das crianças e outros assuntos, enquanto a Classe 3, com as palavras *falar*, *exemplo* e *comunidade* ilustram as opiniões através de exemplos das abordagens radiofónicas. Como Mulambo argumenta: "exemplo, há muito tempo o homem achava que o acto de agressão a esposa era normal, porém, hoje, graças aos ensinamentos e conselhos dados no programa consegue-se notar uma mudança." (Mulambo, 2022). Este é um posicionamento que nos remete à mediação da Socialidade.



homens agora deixam as mulheres trabalharem em diferentes sectores, para além da machamba. Para além disso, os homens ajudam a mulher quando estamos na machamba, isto é, a ajudam a carregar algo quando voltam da machamba. Em resumo o programa ajuda para que os homens não tratem a mulher como escrava. (Mulambo, 2022).

Também, a palavra *programa* tem fortes conexões com as palavras *violência*, *rádio* e *não*. Estas conexões, com linhas fortes, são uma indicação de que a associação é recorrente em diversas entrevistas. Esta conectividade resulta do facto de a Rádio Comunitária exercer um papel chave na veiculação de assuntos ligados à prevenção e combate à violência baseada no género.

Esta conexão pode ser compreendida através do pronunciamento de Johane Tovela (2022) quando argumenta que o programa *Ntindota ni Masugukate* "ajuda bastante na resolução dos problemas relacionados à violência, porque antigamente resolviam os problemas usando a agressão física, mas, actualmente, devido ao ensinamento que o programa traz, os problemas são resolvidos através do diálogo."

No que tange à conexão forte com as palavras *não* e *programa*, esta resulta do facto de os participantes terem opinião que não existem programas específicos que falam da violência, mas este assunto é veiculado em outros programas, como ilustra a fala de João Macamo (2022) ao dizer: "de facto, não temos o programa que fala exactamente da violência, mas temos alguns programas que damos na rádio, que talvez não indo mesmo em directo, focamo-nos na questão da violência na comunidade."

Está evidente, à luz destes posicionamentos, que estas apropriações nos remetem à mediação da socialidade, pois existe uma tentativa das entrevistadas e entrevistados de se apropriar dos conteúdos, buscando articular o que o programa veicula e as modificações que ocorrem nas comunidades do Município de Chibuto.

## BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática da violência baseada no género, em Moçambique, é um assunto extremamente político. A violência física contra a mulher e criança, em algumas comunidades, ainda constitui uma demonstração de amor ou estratégia de colocar ordem dentro de uma família. Deste modo, os programas veiculados pela Rádio Comunitária de Chibuto sobre esta problemática constituem um espaço de partilha do sensível, ao veicular as vivências e as práticas culturais das comunidades Changanas, em particular do distrito de Chibuto. Os programas permitem dizer o indizível.

Os programas radiofónicos de prevenção e combate à violência baseada no género tem uma potência política, na medida em que produzem novos sentidos, o que possibilitam que as comunidades não só se possam educar, se entreter, mas também podem fazer experimento com sua vida cotidiana, como se pode compreender através das mediações da Ritualidade e Socialidade.

A Ritualidade como mediação, por consistir nas apropriações e usos regulares e repetidos que se faz das tecnologias de comunicação, permite, através do telemóvel e da Rádio Comunitária, que os participantes acompanhem as narrativas sobre a violência baseada no género. A

Socialidade, que "diz respeito às relações cotidianas nas quais se baseiam as diversas formas de interação dos sujeitos e a constituição de suas identidades, conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva." (Wottrich et al., 2009:04).

É dentro deste entendimento que os programas veiculados são apropriados como positivos, pois ajuda na mudança de comportamento. Todavia, os participantes apontam a necessidade de existirem programas permanentes sobre esta problemática.

## REFERÊNCIAS

Agy, Aleia Rachide. 2017. Género e Relações de Poder na Região Sul de Moçambique: uma análise sobre a localidade de Mucotuene na Província de Gaza. Disponível em: [file:///C:/Users/selton/Downloads/Observador-Rural-50%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/selton/Downloads/Observador-Rural-50%20(1).pdf) acessado em 28 de Novembro de 2023

Briggs, A.; Burke, P. 2006. Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar.

CEPCB. Definição das categorias do Conflict Weekly. 2013. Disponível em: [www.cepcb.org.mz](http://www.cepcb.org.mz) acessado em 27 de julho de 2023.

Conselho Europeu para a prevenção e o Combate a Violência contra as Mulheres e a violência doméstica. 2011. Istambul.

Escosteguy, Ana Carolina D. e Felippi, Ângela Cristina Trevisan. 2020. A perspectiva das mediações na comunicação e desenvolvimento (comdes): um novo mapa e seu uso na análise de uma realidade rural. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/view/1036224> acessado em 28 de dezembro de 2023

Gómez, Guillermo Orozco. 1996. Televisión y audiencias: un enfoque cualitativo. Madrid: Ediciones de la Torre/Universidad Iberoamericana.

Guber, Rosana. 2001. La etnografía: método, campo y reflexividad..disponivel em:

<https://abacoenred.com/wp-content/uploads/2016/01/etnografi-a-Me-todo-campo-reflexividad.pdf> acessado em 28 de dezembro de 2023

Jacks, Nilda (coord) e Menezes, Daiane; Piedras, Elisa. 2008. Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina.

\_\_\_\_\_. [et al.]. 2016. Uso de *softwares* na abordagem qualitativa: a experiência da pesquisa "Jovem e consumo midiático em tempos de convergência. In: Questões transversais, v. 4 n. 7. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12492/PDF> . Acessado em 12 fev. 2020

Jenkins, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Suassuna Alexandria. 2ª Ed. São Paulo: Aleph 2009.

Liesegang, G. 1996. Ngungunhane: a figura de Ngungunhane Nqumayo, rei de Gaza 1884-1895 e o desaparecimento do seu Estado. Maputo: ARPAC, Coleções Embondeiro nº 8.

Litsure, Henrique Francisco. A identidade tsonga-changana no contexto da identidade nacional moçambicana: construção e representação. Universidade de Lisboa. 2020. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/20221/1/Tese%20Final%20-%20Henrique%20F.%20Litsure1%20-%20C%C3%B3pia.pdf> acessado em dezembro de 2023

Macgonagle, E. 2008. "Living with a Tyrant: Ndaú Memories and Identities in the Shadow of Ngungunyana". Em: International Journal of African Historical studies Nº 41, No. 1. pp. 29-53.

Martín-Barbero, Jesús. 1987. De los medios a las mediaciones. Rio de Janeiro: UFRJ.

Martins, Allyson Viana Martins. As narrativas cross e transmídia e as características do web jornalismo no Globo Esporte. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 10, n. 20, jul./dez. 2011.

Manjate, Anésia. 2019. Changana silent woman: Mulher Changana calada. Universidade de Évora. Disponível em: [file:///C:/Users/selton/Downloads/Artigo\\_Mulher\\_Changana\\_Calada\\_PUCLIC\\_ADO%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/selton/Downloads/Artigo_Mulher_Changana_Calada_PUCLIC_ADO%20(1).pdf) acessado em 29 de outubro de 2023

Moçambique. Lei no 10/97. 1997. Cria municípios de cidades e vilas em algumas circunscrições territoriais. Disponível em: <https://gazettes.africa/archive/mz/1997/mz-government-gazette-series-i-supplement-no-4-dated-1997-05-31-no-22.pdf> acessado em 28 de dezembro de 2023

Moçambique. *Lei da Família em Moçambique (Lei nº 10/2004)*. Maputo: Boletim da República. I Série, nº 34, 2004 Disponível em: <http://jafbase.fr/docAfrique/Mozambique/Lei%2010.2004%20-%20Lei%20da%20Familia.pdf>. Acesso em: 16 outubro, 2017

Moçambique. INE. 2017. Censo de 2017: IV Recenseamento Geral da população e habitação.

Moçambique. INE. 2021. Estatísticas de Violência Doméstica 2020: Casos Criminais e Cíveis.

Moçambique. PLANO NACIONAL DE PREVENÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA BASEADA NO GÉNERO - 2018-2021. 2018. Disponível em: <https://forumulher.org.mz/wp-content/uploads/2018/09/Plano-Nac-Prev-Combate-Violencia-Baseada-no-Genero-APROVADO-CM-28.08.2018.pdf> acessado em 28 de dezembro de 2023

Negroponte, Nicholas. 1995. Being Digital. Knopf Doubleday Publishing Group.

Taylor, S. J. e Bogdan, R. 1986. Introducción a los Métodos cualitativos de investigación. Barcelona. Paidós Studios.

Rancière, Jacques. 2005. A partilha do sensível. Estética e política. São Paulo: Editora 34.

Resolução a ° 4/93 de 2 de Junho de 1993. Ratifica a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres. Boletim da República. . I Série, Número 22. Disponível em: <https://gazettes.africa/archive/mz/1993/mz-government-gazette-series-i-supplement-dated-1993-06-02-no-22.pdf> acessado em 20 de setembro de 2021

*Resolução nº 23/79, de 26 de dezembro, de 1979.* Dispõe a Declaração dos Direitos da Criança Moçambicana. Boletim da República. I Série, Número 112. Disponível em: <http://www.rosc.org.mz>. Acesso em: 16 de abril de 2018. Rita-Ferreira, A. (1982a). Presença Luso-Asiática e Mutações Culturais no Sul de Moçambique. Lisboa: IICT.

Wotrich, Laura, et al. 2009. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo de recepção da telenovela. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba, PR. Anais eletrônicos XXXII Intercom. Curitiba: Universidade Positivo.